

ENUNCIÇÃO, LÍNGUA, MEMÓRIA

Eduardo Guimarães*

RESUMO: *A partir de fatos conhecidos, como a mesóclise com futuro e a possibilidade de funcionamento do advérbio muito junto à conjunção embora, faz-se uma análise histórica de sua constituição e sustenta-se a posição de que a língua é constituída, como uma memória latente, pela história das enunciações das formas linguísticas.*

PALAVRAS-CHAVE: *Língua, enunciação, memória, interdiscurso, acontecimento.*

1. Para mim a enunciação é o lugar de funcionamento da língua movimentada pelo interdiscurso, pela memória do dizer¹. A língua aparece, assim, como exposta ao inter-discurso, isto é, a língua está exposta a uma memória dizível.

Pode-se dizer, então, que as formas da língua são o que são pela história de suas enunciações. Uma forma é na língua o que ela se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação. Deste modo, deve-se considerar que a língua tem em si a memória desta história, ou seja, a língua carrega na sua estrutura as marcas de seu passado. O que uma forma é, em certo momento, tem a marca de como ela funcionou nas enunciações em que a língua se pôs a funcionar.

Para avançar esta hipótese vou trazer dois fatos conhecidos da língua portuguesa: a mesóclise com o futuro e a possibilidade de quantificação com a conjunção embora.

2. Segundo a descrição de Mattoso Câmara (1975:130), o latim clássico tinha no seu sistema verbal algo como segue:

	amabas	amas	amabis	<i>imperfeito</i>
amaueras	amauisti		amaueris	<i>perfeito</i>
<hr/>				
+ <i>passado</i>	<i>passado</i>	<i>presente</i>	<i>futuro</i>	

* Universidade Estadual de Campinas (DL-IEL).

¹ Sobre meu conceito de enunciação, ver Guimarães (1993, 1995).

Paralelamente, o sistema do latim vulgar era (Idem: 131):

ama(ue)ras	amabas ama(ui)sti	amas	<i>imperfeito</i> <i>perfeito</i>
<i>II</i>	<i>I</i>	<i>presente/</i> <i>futuro</i>	
<i>pretérito</i>			

“No latim vulgar, diz Mattoso, em todos os seus planos de hierarquia social, o que predominava era o uso do presente como futuro, desde que não houvesse uma motivação modal específica para levar o falante a outro uso”(idem: 131).

Assim o latim vulgar desenvolveu uma locução volitiva “focalizando, do presente, a vontade que uma ocorrência se desse”(idem, : 132). Esta locução volitiva se construía com o infinitivo do verbo mais o presente de *habere*. Em latim vulgar, enunciações com esta construção marcavam o engajamento do locutor com a realização da ação. *Cantare habeo* significava, então, a vontade, manifestada do presente, em cantar. Para notar isso basta observar a forma *hei de cantar*, do Português de hoje, e que corresponde a *habeo cantare*, outra forma de expressão alternante com *cantare habeo*.

O latim vulgar constituiu, desse modo, um futuro modal, que posteriormente constituiu-se em futuro do presente. Algo semelhante se deu a partir de um tempo do passado, constituindo um futuro do pretérito.

Segundo Mattoso, passou a haver, em latim vulgar, o seguinte sistema verbal no indicativo:

amare habebam	—————>	amare habeo	—————>	<i>volitivo</i> <i>factual</i>
amabam		amo		
<i>Pretérito</i>		<i>(futuro)</i>	<i>presente</i>	<i>(futuro)</i>

Este volitivo acabou por transformar-se em futuro do presente e futuro do pretérito chegando-se ao seguinte, em Português:

amava	amaria	amo	amarei	<i>imperfeito</i> <i>perfeito</i> <i>mais-que-pfeito</i>
amei				
amara				
<i>pretérito</i>	<i>futuro</i>	<i>presente</i>	<i>futuro</i>	

2.1. Lembremos, agora, um fato sintático do Português: a colocação dos pronomes clíticos. Sabemos que há em Português três possibilidades de colocação para eles: próclise, ênclise e mesóclise. Neste último caso, ela só se dá nas formas de futuro do presente e futuro do pretérito. Tem-se *amar-te-ei*, *amar-te-ia*. Ou seja, a mesóclise é uma colocação que mostra que o futuro do Português vem da junção de dois verbos (mesmo que já tenha havido uma completa fusão do *verbo* e do auxiliar *habere*, inclusive porque o acento se dá sobre a flexão temporal que restou de *habeo*, *habeas*, etc, mostrando que não se tem mais duas palavras). No funcionamento da frase, o futuro mostra o passado desta forma operando no presente. Em outras palavras: estamos diante de uma memória da palavra relativamente às enunciações que formaram historicamente o futuro.

Por outro lado, é interessante ver como a mesóclise vai desaparecendo do português e como isso tem levado ao aparecimento de construções com ênclise com o futuro, do tipo *amarei-te*, *amaria-te*. O desenvolvimento desta ênclise opera sobre o crescente esquecimento, na língua, do que construiu o futuro em Português.

3. Em um estudo sobre a conjunção *embora*, pude ver o que sintetizo a seguir.

A conjunção *embora*, como se sabe, vem da expressão adverbial *em boa hora*, *embora*, que, até o século XV, funcionavam para expressar bom augúrio. Isto em oposição a *na má hora*, *ieramá* que funcionavam para expressar mau augúrio.

Segundo análise que fiz anteriormente (Guimarães, 1987), esta mudança histórica se deu pela passagem por quatro cenas enunciativas.

a) a primeira destas cenas inclui o funcionamento de *em boa hora*, *embora* para o bom augúrio, em oposição a *na má hora*, para o mau augúrio. Pode-se dizer que enunciações como *vá na boa hora*, *vá embora*, *vá muito embora*, são formulações feitas da posição de um senso comum que mantinha, ainda, traços da instituição dos oráculos. Estando o locutor determinado por esta posição.

b) A segunda cena inclui o funcionamento tanto de *embora* quanto de *na má hora*, mas já se esvazia o sentido do augúrio, a oposição pode ser interpretada como uma avaliação de ocasião para o fato, como nesta passagem de Gil Vicente: “Paio Vaz se queres gado/ dá ó diemo essa pastora/ paga-lho seu, vá-se embora/ ou na má hora/ e põe o teu em recado” (apud Ferreira (1984,: 512).

Esta cena inclui também um segundo tipo de enunciação. Tomemos uma passagem de Vieira:

“Procurei que, antes que os ditos indios descessem do sertão, se lhes fizessem mantimentos, para que vindo não morressem á fome, como succede ordinariamente em semelhantes casos; mas N. do N. me respondeu por vezes que morressem muito embora, que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam baptizados.” (Vieira, Cartas: 118).

Neste caso pode-se dizer que a avaliação do embora manifesta-se da posição de um outro que significa a avaliação positiva sobre trazer os índios de imediato. Avaliação a que a posição em que o locutor está vinculado se opõe. Pode-se dizer que há o discurso da salvação religiosa das almas, que sustenta “que morrerem muito embora”, já que “que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam baptizados”; e há, por outro lado, o discurso crítico, do ponto de vista da Igreja, da exploração do trabalho do índio que está em “Procurei que, antes que os ditos índios descessem do sertão, se lhes fizessem mantimentos, para que vindo não morressem á fome, como succede ordinariamente em semelhantes casos”.

Aqui se vê que o funcionamento do *embora* passa a se dar de modo a fazer significar uma posição de alteridade na enunciação. Este movimento enunciativo afeta, inclusive, uma relação sintática tal que à oração com o embora encaixa-se uma outra com que se justifica a avaliação do embora. O deslocamento da posição do senso comum, que por si só garantia o augúrio(bom ou mau), abre o lugar para que a avaliação positiva seja sustentada, justificada. Instala-se já, aí, uma relação argumentativa.

c) A terceira cena inclui enunciações em que o embora ganha a possibilidade de anteceder o verbo a que está ligado, como neste soneto de Bocage:

“Embora de lisonjas incensado/ Tenha o monarca às suas leis sujeito/ O povo mais feliz, mais afamado:// Que a mim, para que viva satisfeito,/ me basta possuir teu doce agrado,/ Ter lugar, ó Marília, no teu peito.”(Bocage, 1968)

Ao lado desta questão de posição, pode-se observar que, em enunciações como esta, mantêm-se duas posições enunciativas distintas. Há uma posição da qual se diz “Embora de lisonjas incensado/ tenha o monarca às suas leis sujeito/ o povo mais feliz, mais afamado/” e outra da qual, no caso, se diz “Que a mim, para que viva satisfeito,/ me basta possuir teu doce agrado,/ Ter lugar, ó Marília, no teu peito.” Ou seja, a diferença de posições já se dá entre o que está significado na oração com embora e o que está significado na oração que a justifica. Assim a relação de justificação fica deslocada. O que se justifica é estar em oposição à posição da qual se diz “embora... tenha o monarca...”.

E como se vê, este novo quadro enunciativo vai alterando o sentido dos vínculos sintáticos. E de tal modo que nesta cena encontra-se o embora numa construção com uma diferença muito significativa. Tome-se outro soneto de Bocage:

“Embora torpes gralhas esvoacem/ Em torno à glória minha em bando impuro;/ De eterna sombra e tácio futuro/ Meu nome, os versos meus embora ameacem:// Contra os anos, que morrem, que renascem,/ Deu-me Febo em seu dom penhor seguro,/ com que do esquecimento o pego escuro/ Meus versos, e meu nome afoitos passem;”

Aqui continua a oposição entre a oração com *embora* e a oração que *a segue*, mas a oração que *segue* a do *embora* não tem mais o *que*, introdutor da justificativa. Ou seja, tem-se já o *embora* como conjunção.

d) A quarta cena, a partir do início do século XIX, traz as enunciações com *embora* conjunção concessiva, que, conforme análise feita (Guimarães, 1987:109-122), opõe duas posições enunciativas.

Esta cena enunciativa inclui enunciações como “Agora no Aggiornamento/ São Voltaire, ainda sem festa;/ é celebrado, *muito embora*/ de uma maneira discreta” (J.C. de Melo Neto, 1985, : 29; grifamos). Ou seja, a conjunção *embora* pode receber uma intensificação, pode receber uma gradação, tal como uma expressão adverbial. Isto quer dizer que a conjunção manteve no seu funcionamento atual aspectos próprios do funcionamento adverbial.

A análise acima nos põe diante de um caso em que uma forma muda de categoria. A forma que em um momento era advérbio transforma-se em conjunção. Esta passagem vai se dando porque a forma, perdendo a determinação do discurso do senso comum do augúrio, passa a sofrer outras determinações, abrindo-se uma diferença de posições enunciativas entre a expressão da avaliação e a posição do locutor. Isto porque a perda do sentido do augúrio se dá pelo afastamento da posição do locutor da posição que avalia (que augura, augurava). E se o augúrio não se dá como “adotado” pelo locutor ele se esvazia. Instala-se, então, um novo tipo de alteridade no funcionamento do *embora* que desfaz a unidade sintagmática de expressões como *vá na boa hora* (*vá embora*).

Assim o *embora* passa a afetar toda a oração, do ponto de vista sintático. Paralelamente, o que era a oração principal deixa de sê-lo, quando a divisão de posições passa a envolver diretamente a oração encaixada.

O que estas passagens nos mostram? Que, a cada passo, o que constitui a forma é seu funcionamento nas enunciações, e isto compreendido como um acontecimento determinado pelo interdiscurso: é o deslocamento do discurso do augúrio que movimenta o funcionamento da língua de uma cena enunciativa para outra.

E nesse movimento a forma da língua se torna diferente, pela história de suas enunciações. Uma palavra é de uma categoria, advérbio, e passa para outra, conjunção, porque ela funcionou em frases, em enunciações tais que constituíram esta passagem. Para constituir esta passagem, em cada nova cena, pode-se ver que a palavra traz a memória da cena anterior, mas uma memória que lembra algo e esquece outra parte. E de tal modo que, mesmo na quarta cena, em que o *embora* é conjunção, tem-se na palavra a memória da primeira cena, a conjunção pode ser quantificada pelo *muito* como um advérbio, tendo seu aspecto adverbial, advérbial, sido esquecido. Assim a palavra em questão tem, atualmente, a memória de momentos diferentes (guarda da primeira cena a memória de que foi advérbio, da segunda a instalação do aspecto argumentativo, da terceira a separação das posições enunciativas entre

a que diz *embora X* e a que diz *que Y* ou simplesmente *Y*). São vozes de tempos diferentes, que se reúnem porque a cada passo as formas da língua esquecem outros aspectos de seu percurso(a manifestação do augúrio da primeira cena, o funcionamento adverbial da primeira, segunda e terceira cenas).

E esta polissemia, aqui tanto no sentido de Bréal(1897), quando de E. Orlandi(1983, 1992), é que dá aos versos de João Cabral a ressonância do augúrio medieval: note-se que a quebra do verso, ao construir duas fronteiras sintáticas, faz ecoar o augúrio, e pode-se interpretar os versos que envolvem o *embora* como:

“é celebrado muito embora
de uma maneira discreta”

ou

“é celebrado
muito embora de uma maneira discreta”

ou, ainda,

“é celebrado, muito embora
muito embora de uma maneira discreta”

4. Podemos, segundo o que estas duas análises nos trazem, considerar que a língua é uma sistema de regularidades que esquece e guarda as enunciações por que passa. E aquilo que parece ser o que *lhe* é próprio foi constituído enunciativamente, nos nossos termos, interdiscursivamente.

A memória da língua é uma memória latente, pois para significar precisa confrontar-se sempre com a memória discursiva e o presente do acontecimento. E assim, por ser latente, pode sempre ser outra coisa, para isso bastando que outras enunciações a façam derivar, mesmo que imperceptivelmente. Deste modo uma forma na língua não é nem soma de seus diversos passados, nem deriva de um étimo, nem algo em si: senão uma latência à espera do acontecimento enunciativo, onde o presente e o interdiscurso a fazem significar.

ABSTRACT: Taking well-known facts as a departure point, such as the use of object pronouns in an internal position with verbs in the future(mesóclise) and the possibility that the adverb “muito” has of functioning with the conjunction “embora”, we carry out a historical analysis of the constitution of these processes and affirm the position that language is constituted, as a latent memory, by the history of enunciations of linguistic forms.

KEY WORDS: Language, enunciation, memory, interdiscourse, event

BIBLIOGRAFIA

- BOCAGE, M.M.B. (1968) *Obras Completas*. Porto, Lelo e Irmão.
- BRÉAL, M. (1897) *Ensaio de Semântica*. São Paulo, Educ/Pontes.
- FERREIRA, A.B.H. (1984) *Novo Dicionário Aurélio*. Rio, Nova Fronteira.
- GLIMARÃES, E. (1987) *Texto e Argumentação*. Campinas, Pontes.
- _____. (1993) "Independência e Morte". *Discurso Fundador*. Campinas, Pontes.
- _____. (1995) *Os Limites do Sentido*. Campinas, Pontes.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J. (1975) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio, Padrão.
- MELO NETO, J.C. (1985) *Agrestes*. Rio, Nova Fronteira.
- ORLANDI, E.P. (1983) *A Linguagem e seu Funcionamento*. São Paulo, Brasiliense.
- _____. (1992) *As Formas do Silêncio*. Campinas, Editora da Unicamp.
- WEIRA, Pe.A. *Cartas, I*. Lisboa, Empreza Literaria Fluminense.